



## A INSTAURAÇÃO DA REPÚBLICA BRASILEIRA NO TRAÇO CARICATURAL DE RAFAEL BORDALO PINHEIRO (1889-1890)

RÔMULO DE JESUS FARIAS BRITO\*

### Introdução

A instauração do sistema de governo republicano em 1889 foi, sem dúvidas, uma das transformações políticas mais significativas no Brasil e, junto com a emancipação política de Portugal em 1822, a mais expressiva do país no século XIX. Em toda a repercussão que tal evento teve dentro e fora do território brasileiro, assim como na simbologia a ele atrelada, as últimas imagens que se pensariam associadas a tal episódio seriam a de uma extração dentária ou de travessias oceânicas realizadas por avô e neto. Estas são, no entanto, algumas das representações caricaturais elaboradas por Rafael Bordalo Pinheiro sobre o advento da república no Brasil.

Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905) é considerado o principal caricaturista português do século XIX. Tendo uma vasta produção, que se estendeu também para a escultura cerâmica e o teatro, suas caricaturas circulavam principalmente através da imprensa periódica e de álbuns de caricatura. Um dos motivos de sua notoriedade ainda hoje é a criação do personagem-tipo Zé Povinho, síntese das concepções do autor sobre o povo português naquele período e que acabou se perpetuando no imaginário social português.

As relações entre o caricaturista e o Brasil foram além da observação realizada através do Atlântico. Bordalo residiu e atuou profissionalmente no Brasil entre 1875 e 1879, tendo ilustrado as páginas dos periódicos *O Mosquito*, *O Psit* e *O Besouro*, sendo os dois últimos de sua criação. A política imperial, o cotidiano do Rio de Janeiro e as produções literárias eram algumas das temáticas recorrentes do autor.

Um dos pontos centrais da obra caricatural de Bordalo, que dedicava muitas páginas às reflexões de cunho político, era a crítica à instituição monárquica. Tanto em Portugal quanto no Brasil, o autor teceu incisivas análises sobre as principais personalidades e práticas das

---

\* Doutorando no Programa de Pós Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Email: [romulojfbrito@hotmail.com](mailto:romulojfbrito@hotmail.com).

monarquias de ambos os países, inclusive o Imperador D. Pedro II e os reis D. Luis I e D. Carlos I. Sob essas críticas, emergiu ao longo de sua atuação profissional a admiração do intelectual pelos ideais republicanos e suas possibilidades enquanto caminho político e cultural a ser traçado pelas duas nações, com ênfase para Portugal. Desta forma, e estando atento aos acontecimentos para além das fronteiras portuguesas, Bordalo acompanhou a deposição da monarquia brasileira e a instauração do sistema de governo republicano.

Pensar o que ocorria em Portugal no momento da transformação do governo brasileiro é fundamental para a compreensão das representações elaboradas por Bordalo. A proclamação da república no Brasil se deu em um período no qual a defesa das ideias republicanas se acentuava em território luso, com a estruturação de várias organizações e programas políticos, incluindo o Partido Republicano Português, e a propagação das críticas à monarquia e propagandas republicanas na imprensa periódica. Logo, além da notável importância em território brasileiro, houve um significativo impacto simbólico em terras portuguesas.

Além disso, quase dois meses após a instauração do regime republicano no Brasil, ocorreu o chamado Ultimato Britânico (11.01.1890)<sup>1</sup>, evento cujo desenrolar, além de evidenciar o declínio do poderio imperial português, forneceu aos republicanos portugueses ainda mais embasamentos para a crítica à monarquia perante a concessão do governo, intensificando a problematização por parte da intelectualidade portuguesa sobre a situação do país ao final do século XIX, sua posição na balança de poder europeia e acerca do “ser português”.

Analisar as composições de Bordalo sobre a instauração da república é também questionar as relações culturais e simbólicas existentes entre Brasil e Portugal neste período, o que implica na reflexão sobre o longo processo de delimitação identitária e cultural que se desenvolveu entre ambos os países após a nova situação política com a independência brasileira em 1822 (PAREDES, 2012, p.157-158). Para o primeiro, tratava-se de delimitar os elementos que o definiam enquanto “nova” nação e cultura. Para o segundo, representou a perda da maior colônia e grande marco na derrocada do império português. De ambas as formas, intelectuais portugueses e brasileiros inseriam nas interpretações sobre suas respectivas nações a observação do outro.

---

<sup>1</sup> O evento consistiu em um ultimato entregue pelo governo britânico a Portugal, demandando a retirada das forças militares portuguesas compreendidas entre os territórios de Angola e Moçambique, área que fora reclamada por Portugal durante a Conferência de Berlim. A impossibilidade da reação portuguesa levou à concessão aos interesses da Grã-Bretanha, gerando um descontentamento de vários segmentos da sociedade contra o governo e a monarquia do país.

Neste sentido, as transformações políticas ocorridas no Brasil também foram objeto de reflexão da intelectualidade portuguesa, que demonstrou uma recepção mista em relação ao evento. Os partidários do republicanismo trataram de enaltecer o ocorrido como um passo dado pelo país rumo ao progresso e o mobilizaram politicamente na campanha republicana (SILVA, 2012). Outros viram no fim da monarquia brasileira uma ameaça à unidade do país ou mesmo ingratidão com a família real<sup>2</sup>. De qualquer forma, a instauração da república no outro lado do Atlântico foi empregada na problematização sobre a situação de Portugal. Assim sendo, em qual perspectiva se inseririam as concepções de Bordalo acerca da temática?

Questionar as composições caricaturais de Rafael Bordalo Pinheiro sobre a república brasileira em meio a este quadro conduziu às principais problemáticas que norteiam a presente reflexão. Como o intelectual compreendeu a instauração do sistema republicano no Brasil? Quais os objetivos do caricaturista ao dedicar um número significativo de composições de sua publicação em Portugal para tal transformação política em território brasileiro?

A presente análise parte da hipótese de que as representações elaboradas por Bordalo sobre a instauração do regime republicano no Brasil foram construídas como um exemplo sobre os rumos políticos que Portugal, na concepção do autor, deveria tomar. A fim de fundamentar tal pressuposto, este breve estudo se debruçará sobre quatro composições publicadas pelo caricaturista no periódico *Pontos nos ii* em dois momentos: logo após a proclamação da república brasileira, ainda em 1889, e na celebração de um ano de sua implantação, em 1890.

### **Representações sobre a instauração em 1889**

A notícia da instauração do governo provisório republicano e deposição de D. Pedro II rapidamente atravessou o Atlântico e tornou-se conhecida na Europa. No entanto, nas duas edições semanais de *Pontos nos ii* publicadas após o evento (21.11.1889 e 28.11.1889), foi o filho de Rafael, o também caricaturista Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro<sup>3</sup>, que produziu as

---

<sup>2</sup> É o caso, por exemplo, de Oliveira Martins, que demonstrou, a partir destes pontos, preocupação com os rumos do Brasil após a proclamação da república. (PAREDES, 2013, 26-29)

<sup>3</sup> Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro (1867-1920) foi ilustrador, caricaturista e ceramista, atuando ao lado do pai nos periódicos *Pontos nos ii* (1885-1891), *O Antônio Maria* (2ª fase, 1891-1898), e *A Paródia* (1900-1907), assim como na Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha. Posteriormente, trabalhou em publicações como *Ilustração Portuguesa* (1903-1923) e *Atlântida* (1915-1920).



ilustrações e dedicou algumas composições ao evento, abordando a relativa tranquilidade com que se deu o processo. A edição de 05 de dezembro de 1889 foi a primeira a trazer as contribuições de Rafael Bordalo Pinheiro sobre a temática.

FIGURA 1



Fonte: Pontos nos ii – 05.12.1889, p.4-5.

Com o título de “Maneira de tirar dentes sem dor”, a caricatura (FIGURA 1) representa a transição da monarquia para república como uma extração dentária. Um dos elementos que mais se destaca inicialmente é a maneira como o Brasil é representado, sendo personalizado através da figura de um indígena com o escrito “paiz” no antebraço esquerdo. A alegoria do índio, utilizada amplamente pelos escritores ligados ao romantismo enquanto símbolo nacional, ainda perpetuava-se nas produções literárias e artísticas tanto brasileiras quanto estrangeiras.

A narrativa se inicia com o quadro esquerdo. Sobre o Brasil, estão o Marechal Deodoro da Fonseca<sup>4</sup> e Quintino Bocaiuva<sup>5</sup>, figuras centrais no processo da transformação

<sup>4</sup> O marechal Manuel Deodoro da Fonseca (1827-1892) foi figura central na instauração do sistema político republicano no Brasil, estando à frente das tropas militares no momento da deposição do governo imperial e sendo constantemente associado ao ato da “proclamação”. Tornou-se chefe do governo provisório e o primeiro presidente do país.

republicana brasileira. Ambos utilizam um barrete frígio sobre as cabeças, um símbolo costumeiramente associado aos ideais republicanos na imprensa ilustrada (LOPES, 2010, 50-51). É Deodoro que realiza a extração dentária. O dente possui um notável formato: a cabeça de D. Pedro II, sendo a coroa monárquica a raiz que estava encravada na boca do “Brasil”.

O diálogo estabelecido na legenda entre o país e Deodoro, assim como as frases que seguem abaixo do título, são elementares na compreensão da composição. As gengivas, segundo explicado, seriam os interesses de específicos segmentos da sociedade, que para esta “extração dentária”, deveriam permanecer intocados. Sob a imagem, o indígena pede para que não haja dor, ao que Deodoro responde que os interesses permanecerão respeitados no processo.

Relevante nesta interpretação é a indicação de que o dente (D. Pedro II) seria “bom e são”, mas que o problema estaria em suas raízes. Tal afirmação aponta para uma concepção de que o problema existente no país não seria o Imperador e suas atitudes pessoais, mas sim o sistema monárquico do qual ele estava à frente e as consequências de sua existência no país.

A principal mensagem transmitida por Bordalo no primeiro quadro é de que a república teria se instaurado sem agir profundamente nos interesses particulares de nenhum significativo grupo e sem demasiados conflitos, ocorrendo de forma relativamente tranquila no Brasil.

Mais significativo para o propósito geral desta análise é, no entanto, o segundo quadro. O indígena, livre dos males de sua “raiz dentária”, se dirige a uma grande cabeça coroada, representando o continente europeu, cuja boca aberta permite a visão de vários “dentes monárquicos”, simbolizando as várias monarquias que ainda predominariam na maioria dos países europeus. Este diálogo entre o “Brasil” e a “Europa” é a pedra de torque da reflexão de Bordalo.

Basicamente, o primeiro tenta convencer o segundo de que o processo de instauração das repúblicas pode ser feito sem grandes conflitos e turbulências, na medida em que seria possível não interferir nos interesses de nenhum grande grupo. Ainda é afirmado na legenda que a monarquia brasileira, e conseqüentemente seus males, possuía anteriormente sustentáculos, raízes ainda mais profundas que as existentes neste momento no continente.

---

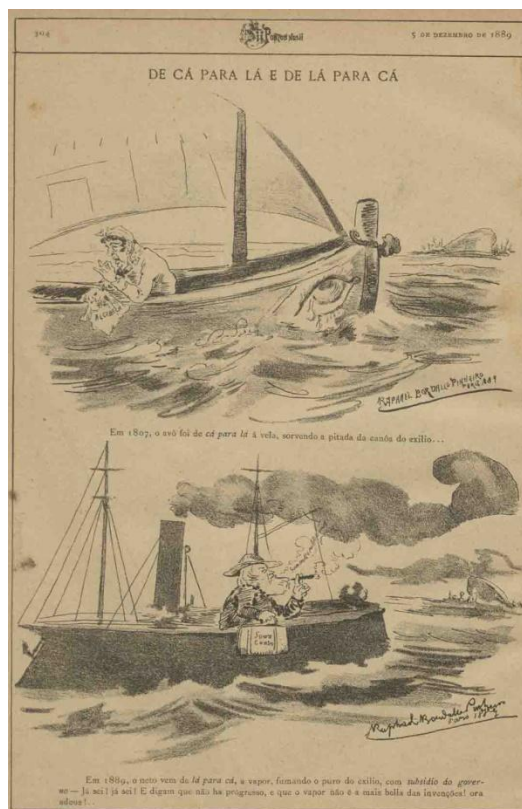
<sup>5</sup> Quintino Antônio Ferreira de Sousa Bocaiúva (1836-1912) foi uma das personalidades civis mais importantes da instauração da república no Brasil. Além da ação direta nos eventos que conduziram à deposição do Imperador, foi redator do Manifesto Republicano em 1870 e atuou fortemente em defesa das ideias republicanas na imprensa. Dentre suas ocupações políticas, destacou-se a posição de primeiro Ministro das Relações Exteriores no novo governo brasileiro, entre 1889 e 1891.

Para a primeira afirmação do Brasil, a coroada Europa responde que possui uma gengiva inflamada, a França, cujo atual sistema de governo seria a república, mas onde sua instauração há mais de um século havia sido turbulenta e havia sido sucedida por vários períodos de instabilidade política, contando inclusive com um retorno do regime monárquico. O Brasil replica afirmando que se os “Deodoros” em território brasílico respeitariam os interesses, o mesmo se daria facilmente na Europa. Novamente, o processo de instauração da república é apontado como uma reforma estável, na qual não apenas interesses teriam permanecido quase intocados, mas a própria família Imperial teria deixado o país de forma pacífica e à custa do erário público. Ironizando a impossibilidade de uma tranquila transformação política de mesmo cunho na Europa em um futuro próximo, a representação da mesma responde que “até lá morreu o Lopes, seu bem...”.

O ponto central da reflexão elaborada por Bordalo nesta composição caricatural é de que a transformação política ocorrida no Brasil, de monarquia à república, poderia servir como um possível exemplo para os demais países europeus, incluindo Portugal. A ideia de que haveria ocorrido uma mudança política de tal cunho e de forma relativamente tranquila em um país onde, segundo o autor, haveria bases monárquicas muito mais profundas do que na Europa, seria uma chama de esperança para as aspirações republicanas no continente, onde eram ainda mais antigas as lutas por transformações no sistema de governo. A possível exemplaridade do caso brasileiro viria a ser explorada em composições posteriores.



FIGURA 2



Fonte: Pontos nos ii – 05.12.1889, p.8.

Ainda nesta edição, Bordalo publicou outra composição (**FIGURA 2**) relacionada à instauração da república no Brasil. Nesta narrativa, o autor trouxe dois momentos distintos sobre a história brasileira no decorrer do século XIX, envolvendo governantes à frente do território além mar. Com o título “De cá para lá e de lá para cá”, a produção traz uma comparação entre a ida de D. João VI e sua corte para o Rio de Janeiro, deixando Portugal em 1807, e a saída de D. Pedro II em exílio logo após sua deposição em 1889.

No segmento superior da composição, D. João VI, o “avô”, é representado durante sua saída de Portugal em direção ao Brasil. Em uma embarcação à vela, o outrora monarca português saboreia doces, com a costa brasileira simbolizada pelo pão de açúcar ao fundo. No quadro abaixo, é D. Pedro II, o “neto”, a figura central da composição, realizando o percurso contrário do avô. Partindo para o exílio após a proclamação da república, o agora ex-imperador percorre o trajeto em uma embarcação a vapor, enquanto carrega sua mala e fuma.

Na contraposição entre os elementos dos dois quadros, fica clara uma concepção de temporalidade em um sentido evolutivo, na qual o paralelo entre os dois momentos teria como

objetivo o enaltecimento do sistema republicano enquanto um passo seguinte no desenvolvimento da história. A superioridade técnica da embarcação a vapor sobre o barco à vela é o elemento visual que se destaca, expondo a noção da evolução dos sistemas políticos. Tal como o vapor é o avanço técnico da vela, a república seria o caminho político a suplantar as monarquias. A volta do “neto” de lá para cá seria o exemplo do progresso político e cultural experimentado em território brasileiro na percepção do autor.

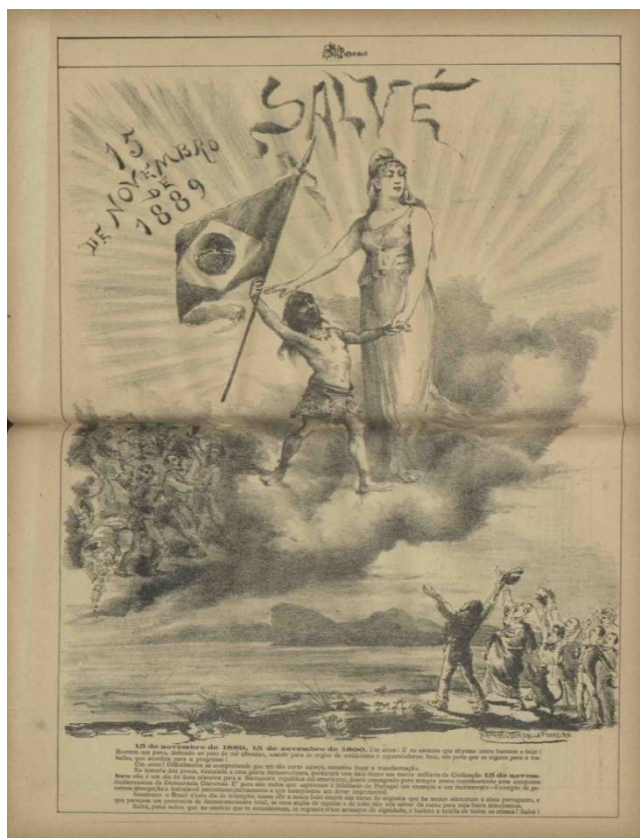
### **O aniversário da república brasileira**

As composições de Bordalo sobre a instauração da república não se limitaram aos dias que se seguiram á transformação do sistema de governo brasileiro. A atenção do caricaturista manteve-se sobre os novos caminhos políticos trilhados no Brasil, dedicando grande parte da edição de 15 de novembro de 1890 ao evento ocorrido no ano anterior. As ilustrações presentes neste periódico trazem exatamente uma celebração ao “aniversário” de um ano da nova república no outro lado do Atlântico. Da análise sobre a elaboração destas caricaturas, não se pode perder de vista que tal recordação se deu exatamente após o Ultimato Britânico e seus desdobramentos na sociedade portuguesa, com a intensificação da campanha republicana e do desgaste da monarquia em Portugal. A concessão do governo português aos interesses da Grã-Bretanha irrompeu os ânimos republicanos que o evento brasileiro havia incitado, causando a adesão de outros segmentos sociais à causa (SILVA, 2012, 50).

A composição a seguir (**FIGURA 3**) é exponencial nas possíveis aproximações entre a transformação política observada no Brasil e a defesa dos projetos republicanos em Portugal, do qual Bordalo era um promotor através de suas caricaturas. Logo em seu título, traz a celebração “Salve” acompanhada pouco abaixo pela data da proclamação da república em território brasileiro.



FIGURA 3



Fonte: Pontos nos ii – 15.11.1890, p.4-5.

A ilustração traz a representação das duas margens do Atlântico, estando o Brasil à esquerda e Portugal à direita. Naquele, parte da costa brasileira aparece abaixo, enquanto os símbolos do acontecimento brasileiro estão sobre uma nuvem que parece atravessar o oceano, como um fenômeno que “naturalmente” alcançaria o território luso. Em segundo plano nesta nuvem, o povo brasileiro comemora o aniversário da instauração republicana. Em primeiro plano, o Brasil é novamente representado por Bordalo como um indígena, celebrando enquanto carrega a nova bandeira brasileira. Em sua companhia está uma fundamental figura dentro do simbolismo republicano. Marianne, notável alegoria feminina associada aos ideais da república (LOPES, 2010, 48-49), aparece segurando o braço do símbolo brasileiro, como se o estivesse a guiar.

Do lado português da margem, o povo luso parece celebrar o que seria a “conquista” brasileira. A mais destacada das figuras é uma variante das representações do Zé-Povinho, que aparece à frente dos demais e de braços abertos para a notícia da república no Brasil. Esta

postura, compartilhada por outros indivíduos nesta margem, aponta para a noção de que os portugueses estariam prontos e ansiosos não apenas para acolher a nova situação política brasileira, mas para tê-la também em território luso.

Fundamental na compreensão desta composição é a extensa legenda que acompanha a ilustração. Nela, são empregados vários conceitos que permitem um entendimento da concepção pessoal de Bordalo Pinheiro sobre a república, trazendo várias noções chave dentro do horizonte conceitual e da noção de história presentes nos discursos republicanos em Portugal.

O primeiro parágrafo traz uma ode ao ano decorrido desde a proclamação da república no Brasil, destacando algumas diferenças na situação de seu povo. Na afirmação, o povo brasileiro viveria anteriormente subjugado e sustentando com seu trabalho as regalias de pequenos grupos, dentre os quais, infere-se, a família e corte imperial. Após a implantação do novo sistema de governo, a população teria “acordado para o progresso”. A ideia de monarquia é aqui atrelada diretamente à noção de submissão e atraso de um povo, enquanto a república é ligada ao trabalho e desenvolvimento, sendo o uso da expressão “progresso” exponencial na explanação da nova situação que seria experimentada no Brasil. Ao acentuar que tal mudança teria se dado em um período de apenas um ano, fica clara a atribuição, por parte do caricaturista, da capacidade de uma mudança quase imediata na situação nacional brasileira através da ruptura política representada pela instauração da república.

Após o reforço da afirmação de que seriam grandes as transformações experimentadas através da mudança republicana, inicia-se um segmento que traz significativas contribuições para a compreensão de história e temporalidade associada à república na composição de Bordalo. O autor dedica um pequeno trecho para inserir o significado do 15 de novembro brasileiro no que parecia ser uma história universal das nações, processo que já se inicia com a alegação de que tal data se constituiria em um “marco miliário da Civilização” na história dos povos.

O primeiro ponto a ser destacado é a concepção de temporalidade que se apresenta neste segmento. Das expressões utilizadas por Bordalo, emerge uma noção de tempo e história comum a várias teorias de interpretação social e filosofias políticas do século XIX, que tomavam os “povos” ou “nações” como sujeitos de uma mesma temporalidade, concebida em uma perspectiva linear, cumulativa e irreversível. Ao utilizar o conceito de civilização atrelado à república, Bordalo considera tal transformação política como um próximo estágio

dentro desta temporalidade e a concretização do devir das nações, sendo um passo à frente em um desenvolvimento pelo qual se imaginava que todos os países deveriam passar.

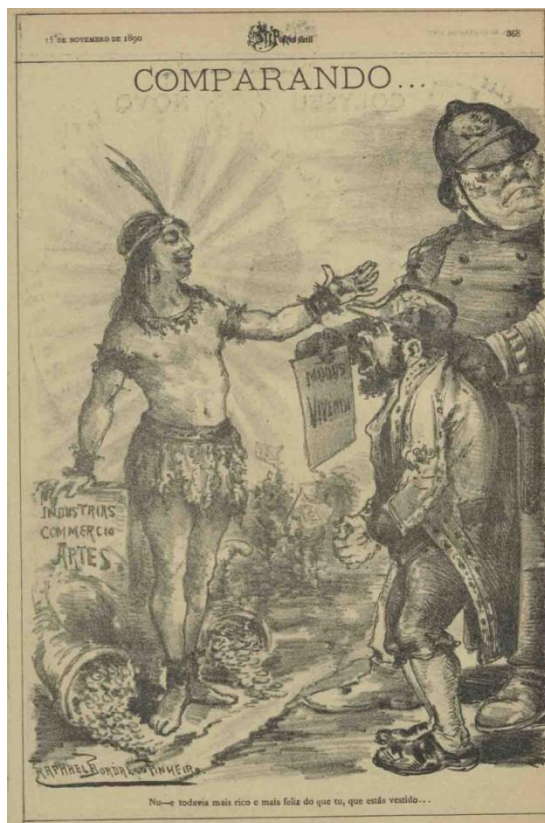
O uso destes conceitos aponta claramente para o fato de que, atrelada à noção de república de Bordalo e outros partidários do republicanismo, havia uma forte ideia de transformação cultural. A abertura de uma sociedade para as ideias republicanas, a ponto destas se converterem em uma mudança efetiva na organização social, seria, concomitantemente, um sintoma e um produto de uma mudança na cosmovisão de um povo (CATROGA, 2000, 121). Tal modificação era especialmente esperada em Portugal naquele período, onde grande parte da intelectualidade observava o país em um profundo estado de decadência que se espalhava pela economia, influência externa, produção científica e artística, educação, chegando até ao comportamento da própria população, que estaria desestimulada, passiva. A república aparecia para os republicanos, portanto, como uma possibilidade de mutação em todo este quadro diagnosticado, enquanto uma redenção da nação portuguesa.

Logo em seguida, Bordalo traz em seu argumento o principal ponto de sua composição caricatural. O autor afirma que a transformação no Brasil seria um exemplo e um incitamento a todos os portugueses que aspirariam “à felicidade de Portugal”. O evento brasileiro é tomado como um modelo de transformação política e cultural que a sociedade portuguesa deveria seguir a fim de superar o suposto estado de decadência em que se encontraria. Novamente, a ideia do devir rumo a um próximo nível de desenvolvimento se fez presente quando o autor afirmou que o exemplo brasileiro impulsionaria os portugueses rumo a um “dever impreterível”. A noção de exemplaridade é reforçada e ampliada em outro segmento da publicação.

A última composição caricatural da edição publicada em 15 de novembro de 1890 (**FIGURA 4**) traz um confronto direto entre o que seriam as situações de Portugal e Brasil na concepção de Bordalo. O título da caricatura define a temática, “comparando” os países em seus diferentes estágios políticos e, conseqüentemente, em distintos momentos dentro do que seria o devir das nações.



FIGURA 4



Fonte: Pontos nos ii – 15.11.1890, p.8.

O Brasil, mais uma vez, aparece simbolizado por uma figura indígena, que apresenta um porte altivo e orgulhoso, enaltecido por um brilho que dele é emitido. O índio se apoia em sua mão direita sobre uma caixa, na qual aparecem escritas “Indústria”, “comércio” e “artes”. A menção a estas esferas da produção social aponta para a concepção de um desenvolvimento que acompanharia a implantação da república, reforçando a ideia de uma transformação não apenas política com o novo sistema de governo, mas também econômica e cultural.

Do outro lado do estreito rio, Portugal é representado pelo conhecido personagem-tipo criado por Rafael Bordalo Pinheiro. Zé-Povinho, síntese do autor para o comportamento do povo português, é a contraposição ao indígena brasileiro. Diferentemente da figura na outra margem, esta alegoria aparece totalmente vestida. Para além do vestuário, dois elementos chamam a atenção neste personagem. O primeiro é a postura do símbolo português, que parece atônito com a imagem do símbolo brasileiro. O segundo são seus punhos, que aparecem próximos e circundados por algemas. O motivo de tal situação está diretamente



relacionado ao outro personagem desta composição, de grande importância para a compreensão do sentido pretendido por Bordalo.

Ao lado do Zé Povinho, um personagem de tamanho maior que os anteriores o segura pela gola da casaca. O grande homem aparece trajado como um oficial britânico. Trata-se aqui, da representação imagética da Grã-Bretanha, nação com a qual Portugal possuía profundas, e nem sempre harmoniosas, relações diplomáticas. A posição em que aparece em relação ao Zé Povinho aponta para o que seria o subjugo de Portugal por parte do Império britânico, relação de submissão e dependência que já ocorreria há várias décadas e encontraria na concessão ao Ultimato seu ápice. O oficial segura à frente do símbolo português um papel onde está escrito “modus vivendi”, que associado à postura física entre os dois personagens, representaria o “ser português” naquele momento, costumeiramente caracterizado por parte da intelectualidade portuguesa como submisso às opressões tanto externas quanto internas, e passivo perante todos os problemas que Portugal experimentaria.

A legenda, bem menos extensa do que a anteriormente analisada, trazia a síntese das situações de ambos os países. Bordalo afirma que o indígena, nu, estaria mais feliz do que o português, que estaria vestido. O caricaturista empregou nesta expressão uma noção comum existente no imaginário social oitocentista de vários países europeus, incluindo Portugal, que viam as terras para além do Atlântico como selvagens, virgens, onde homem e natureza se misturam, independentemente dos avanços técnicos, políticos e culturais claramente observados. O autor ironizou esta clássica oposição entre “civilização” e “barbárie”, presente na contraposição “nu” e “vestido”, atribuindo ao supostamente mais “atrasado” uma posição superior de desenvolvimento com o advento da república.

A ideia presente nesta composição de Bordalo é clara. A república experimentada no Brasil representaria, a priori, a liberdade da nação brasileira. Uma liberdade que seria não apenas contra os abusos atrelados à instituição monárquica, mas de uma eventual dependência externa e, essencialmente, de uma forma de se pensar que já não acompanharia a realidade do mundo contemporâneo. Novamente, a república aparece como algo muito mais abrangente que uma organização política, significando, na concepção do autor, uma mudança de uma cosmovisão de sociedade, um próximo estágio no devir da história das nações. Um estágio cuja chegada em Portugal era aspirada pelo intelectual. Elucidar esta e outras noções atreladas à concepção de república presente nestas caricaturas de Bordalo conduz às considerações finais deste breve estudo.

## **Considerações Finais**

Após a análise das caricaturas de Rafael Bordalo Pinheiro sobre a instauração da república brasileira, percebe-se que a construção de suas composições não se deu apenas como uma forma de noticiar a transformação política no Brasil, mas estava atrelada profundamente às aspirações republicanas em Portugal,

As representações elaboradas por Bordalo em 1889, imediatamente após a proclamação da república, ressaltavam a relativa tranquilidade com que ocorreu a transformação política no Brasil. Impulsionadas pelos eventos ligados ao Ultimato Britânico, as caricaturas de 1890, por sua vez, enalteciam a importância de tal passo dado pelo Brasil dentro de uma específica concepção de temporalidade, na qual a república se constituiria enquanto uma etapa necessária ao progresso de uma nação. De ambas as formas, o autor buscou fundamentalmente a exemplaridade da instauração da república para a sociedade portuguesa, tomando o evento brasileiro como um possível catalisador de uma mudança política e cultural, assim como um incentivador de uma reação por parte do povo português contra os abusos que o autor julgava ocorrer a partir da administração monárquica.

A possibilidade dos usos do exemplo brasileiro para a sociedade portuguesa ganhou força na obra de Bordalo não apenas por sua experiência profissional em território brasileiro, mas a partir das inúmeras conexões políticas e culturais existentes entre os dois países, oriundas das convergências entre suas histórias, relativas especialmente à suas relações enquanto colonizador e colonizado. Como exemplo, aparece o próprio monarca deposto, D. Pedro II, tio-avô do então rei português Carlos I. Ambos eram membros da casa dinástica de Bragança, além de governantes de monarquias constitucionais. As conexões existentes entre estes países favorece a construção da exemplaridade do caso brasileiro na defesa dos ideais republicanos em Portugal.

As composições de Bordalo sobre a instauração da república no Brasil são, por fim, um profícuo exemplo dos possíveis usos do “outro” na reflexão acerca de problemáticas envolvendo a nação. Integrando um extenso e contínuo processo de demarcação identitária entre os dois lados do Atlântico, esta mobilização se deu por parte tanto de uma

intelectualidade portuguesa, como observado na obra do caricaturista, quanto brasileira, cujas nuances constituem um vastíssimo campo a ser explorado pela historiografia.

#### FONTE

**Pontos nos ii**, Lisboa, 1885-1891. Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/PONTOSNOSII/PontosnosIIindex.htm> . Acesso em 20.03.2015

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CATROGA, Fernando. **O republicanismo em Portugal: da formação ao 5 de outubro de 1910**. 2ª Ed. Lisboa: Editorial Notícias, 2000.

GOMES, Antônio Martins. O exemplo do Brasil no crepúsculo da monarquia portuguesa. **Revista Navegações**. Vol.3, N.2, Porto Alegre, 2010. p.164-170

LOPES, Aristeu Elisandro Machado. **A república e seus símbolos: a imprensa ilustrada e o ideário republicano. Rio de Janeiro, 1868-1903**. 423 f. Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

PAREDES, Marçal de Menezes. A assunção escalar da nação: historicidade e fronteiras culturais no percurso luso-brasileiro. IN: \_\_\_\_\_ (org.). **Portugal, Brasil, África: história, identidades e fronteiras**. São Leopoldo: Oikos, 2012

PAREDES, Marçal de Menezes. **Configurações luso-brasileiras: fronteiras culturais, demarcações da história e escalas identitárias (1870-1910)**. Saarbrucken: Novas Edições Acadêmicas, 2013.

PAREDES, Marçal de Menezes. Republicanismos luso-brasileiros: demarcação histórica e estética relacional. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**. São Paulo: Anpuh, 2011.

SILVA, Maria Isabel Carvalho Corrêa da. **O espelho fraterno: o Brasil no discurso do republicanismo português. (c.1889-c.1914)**. 351 f. Tese apresentada ao Programa Interuniversitário de Doutorado em História. ICS-Universidade de Lisboa. Lisboa, 2012.